

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

KATHLYN FANTONATT DE SOUZA



1290003708



TCC/UNICAMP So89m

A MORTE DA ESTRELA

***OLHARES TEXTUAIS... OLHARES FÍLMICOS...
PARA A OBRA DE CLARICE LISPECTOR,
"A HORA DA ESTRELA"***

CAMPINAS
2008

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

2008.3.580

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

KATHLYN FANTONATT DE SOUZA

A MORTE DA ESTRELA

***OLHARES TEXTUAIS... OLHARES FÍLMICOS...
PARA A OBRA DE CLARICE LISPECTOR,
“A HORA DA ESTRELA”***

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado a
Faculdade de Educação da
UNICAMP, para a obtenção
do título de graduação em
Pedagogia, sob a orientação
do Profº Dr.º Milton José de
Almeida.

**CAMPINAS
2008**

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	TCC/Unicamp
	So89m
V:.....	EX:.....
TOMBO:.....	3708
PROC:.....	129/08
C:.....	D: X
PREÇO:.....	11,00
DATA:.....	09/10/08
Nº CPD:.....	440925

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Souza, Kathlyn Fantonatt de.
So89m A morte da estrela : olhares textuais...olhares filmicos... para a obra de
Clarice Lispector "A Hora da Estrela" / Kathlyn Fantonatt de Souza. --
Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Milton José de Almeida.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Lispector, Clarice, 1925-1977. 2. Literatura. 3. Cinema. 4. Arte. I. A
Hora da Estrela. II. Almeida, Milton José. III. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-139-BFE

... O Caminho...

Oi Profº Milton, como vai?

Estou a dois semestres de concluir o curso de Pedagogia-PEFOPEX e gostaria que o Sr. orientasse meu projeto de pesquisa – TCC.

Meu projeto discute as estruturas narrativas presentes no programa infantil “Castelo Rá-Tim-Bum”, tendo enfoque para o quadro da Morgana, com o objetivo de levantar questões sobre como o mesmo “educa” o olhar do telespectador.

A escolha desta temática partiu da inquietação que tenho em relação à televisão. Por um lado, a mesma corresponde às exigências de mercado propagando a lógica do sistema vigente. Seduzindo-nos com suas diversas linguagens e nos enfeitando com imagens que instigam nossos desejos mais íntimos. Por outro, temos (ou não) fragmentos dessas programações que se opõem às propostas do capital. O fato é toda estrutura televisiva se tornou um forte mecanismo de poder, por democraticamente estar presente em qualquer nível social.

Profº são alguns pensamentos...

Encontrei algumas referências bibliográficas interessantes, mas não sei por onde começar.

Aguardo resposta. Abraços.

Kathlyn Fantonatt de Souza

01 de Setembro de 2007

Olá Kathlyn terei prazer em orientar seu projeto de TCC, mas não esse que você propõe. Que não adianta provar isto ou aquilo da tv, alias você já deu as respostas. Nem tenho orientado trabalhos sobre a escola, etc. Se você quiser pensar em algo diferente, podemos marcar para conversar. Diga-me seus horários disponíveis, que vejo os meus.

Um abraço. Milton

01 de Setembro de 2007

Olá Profº Milton, como vai?

Escrevi ao Senhor alguns dias informando meus horários disponíveis, mas por problemas na escola onde leciono precisarei alterar os dados. Tenho aula todos os dias da semana na FE. Assim, podemos conversar das 17h30min às 19h30min.

A propósito, pensando na própria Morgana, passei a me questionar o que de fato me seduzia em sua composição. Comecei a perceber que a construção do seu personagem como uma feiticeira, me instiga e intriga ao mesmo tempo. A pergunta que paira é se podemos considerar as feiticeiras como um Mito e como a mesma está presente no imaginário coletivo de muitas civilizações. E para, além disto, como essa figura tão emblemática se constituiu no Brasil.

Profº, não tenho certeza se estou mergulhando num lago sem fundo, são considerações preliminares dessa possível temática. Mas uma vez são apenas fragmentos de pensamentos...

Espero podermos nos encontrar logo.

Abraços. Kathlyn Fantonatt de Souza

05 de Setembro de 2007

Oi Kathlyn, na semana que vem escrevo para você, e marcamos uma primeira conversa, para vermos se dará certo. Se você tiver uma noite livre, e quiser assistir minhas disciplinas, estou dando aulas às 5as e 6as. Isso sempre ajuda para você ir vendo o que e como trabalho.

Um abraço. Milton

05 de Setembro de 2007

Oi Profº Milton, como vai?

Gostei muito de sua aula e acompanho seu trabalho há algum tempo.

Entrei em contato com alguns TCCs que o Sr. orientou e fiquei encantada com a sensibilidade que foram construídos.

Gostaria que minha pesquisa seguisse a mesma linha de elaboração. Pois, depois de tanto tempo quantificando, aquilo que muitas vezes não é quantificável, medindo, calculando,

padronizando... E tantas outras categorias que incorporamos ao longo do processo de escolarização anseio por caminhos diferentes, mas para isso preciso de ajuda.

Sua aula me fez refletir sobre muitas coisas e uma delas foi sobre as certezas que carregamos. Uma doce ou cruel ilusão colocada diante dos nossos olhos que não estão habituados a perceber a realidade... Que ironicamente não existe...

Foram essas certezas que me levaram ao Senhor e sem elas retorno.

Confesso que estou perdida...

Podemos conversar qualquer dia da semana depois das 17h30min, pois leciono até as 16h00min em um município vizinho.

Abraços.

Kathlyn Fantonatt de Souza

15 de Setembro de 2007

Olá Kathlyn, pelo que você escreveu, acho que vai dar para fazer um bom trabalho juntos. Estou disponível nessa segunda, ou na quarta. Pode ser às 17h30min. Por favor, me confirme o dia que você prefere.

Abraços. Milton

16 de Setembro de 2007

Oi Profº Milton, sinto em não ter respondido antes, mas tenho o péssimo hábito em não conferir minhas mensagens com certa regularidade. Podemos conversar nesta quarta-feira? Onde posso encontrá-lo?

Abraços.

Kathlyn

17 de Setembro de 2007

Kathlyn, então nos encontramos quarta, no Laboratório dos Estudos Audiovisuais OLHO, que fica no anexo 2, atrás da biblioteca, no último andar à direita.

Abraços. Milton

17 de Setembro de 2007

Como vai professor?

Desculpe-me pelo sumiço. Fui sucumbida pelas questões cotidianas. Às vezes penso que não tenho tempo para resolver tudo aquilo que preciso e que gostaria de resolver. Sinto-me refém da minha própria agenda.

Logo que finalizamos nossa conversa naquela quarta-feira iniciei minha caminhada.

Com o problema que o sistema das Bibliotecas da UNICAMP enfrentava parti para a encomenda dos livros em algumas livrarias do Centro de Campinas. Curiosamente, os mesmos estavam esgotados levando cerca de dez dias para chegarem.

Acreditando que meus maiores problemas estavam resolvidos iniciei a leitura do livro “A Hora Da Estrela”, de Clarice Lispector. Ao concluí-lo entrei em contato com a complexidade do trabalho. O que me deixou muito assustada. Não pelo trabalho em si, mas pelos fantasmas que encontrei à medida que reli a narrativa.

Ao definirmos a pesquisa fiquei extasiada, pois me lembrava do texto em que havia lido com outros olhos, num outro tempo. A impressão que tenho é que ao relê-lo entrei em contato com outra história, contada por outra pessoa. Mais estarecida fiquei quando assisti ao filme da cineasta Suzana Amaral, com o mesmo título.

O tempo é divisor de águas... e a mudança ocorre a partir disto. Mudança de olhar, de ideologia, de vida. E nessa dança enigmática nos deparamos com as coisas e a olhamos, a sentimos, a incorporamos. O mesmo fiz com a obra de Lispector. A princípio me incorporei em sua obra e vivi cada elemento, cada personagem. Impudentemente me apropriei de sua narrativa e intensamente mergulhei em sua tragédia.

Imersa nessa trama me distanciei do objeto de pesquisa e respirei. Assim como Rodrigo (narrador), por dias respirei. Foi quando iniciei a leitura de Abbas Kiarostami e entre tantas palavras me deparei com o que comentava sobre as mentiras. Uma vez misturadas às verdades ambas se fundem, possivelmente evidenciando as fragilidades sociais.

O que é verdade? O que é mentira?

O fato é que ambos os objetos de pesquisa, narrativa textual e fílmica são compostas por intencionalidades. Aqueles que as produzem arquitetam suas obras a partir de suas experiências pessoais, posição política.

Clarice Lispector estruturou uma história de elementos retirados da vida. Suzana Amaral seguiu outro caminho, olhou para obra de Lispector e construiu seu filme. Duas pessoas dois olhares, duas histórias. Ambas direcionaram-se para um fato, a migração nordestina para a região sudeste, e o narraram. Contaram aquilo que viram, sentiram. Impressões construídas historicamente, estigmatizadas e estereotipadas pelo processo de aculturação.

Devemos levar em conta que Clarice Lispector era ucraniana e veio morar no Brasil quando menina. Não pretendo julgá-la. Contudo, precisamos ir ao cerne da questão. Que olhar a presente escritora direcionou para a nordestina? De qual panorama a observou, a esculpiu?

De forma alguma podemos desconsiderar que mesmo que Lispector tenha crescido no Brasil, a mesma era uma estrangeira. Possivelmente por que tentasse compreender a nordestina do ponto de vista histórico era relativamente difícil.

Todos nós temos marcas visíveis ou não. Dessa forma a nação Brasileira, como todas as outras nações, carrega suas marcas. E são esses elementos que permeiam nossa identidade e que nos distingue das demais.

Clarice Lispector narrou uma história quanto ucraniana, européia e da classe média nordestina. Esse estigma levou-os para sua obra tatuando-os a cada eclosão de Macabéia e dos demais personagens. Por outro lado, sensibilizou-se com aquela mulher, com aquele rosto,

porque ironicamente estavam na mesma condição. Eram mulheres. E sendo mulheres podiam se compreender e perceber o discurso mudo que todas enfrentam no dia-a-dia, o processo de dominação e marginalização. E nesse jogo perverso que mulheres foram e são queimadas na fogueira. Seja na própria reação química (combustão) ou até mesmos nos casamentos, nas ideologias, nas maternidades...

Possivelmente por essa construção e interiorização milenar de fatos foi que Clarice Lispector usou um narrador (Rodrigo) para contar sua história. O que inicialmente me incomodou muito. Já que temos a ilusão do sonho feminista de outrora. Superado este fato (ou não) percebi a astúcia da escritora em aproveitar as oportunidades postas pelo destino.

Não me cabe dizer o que está certo ou errado em sua obra e nas possíveis razões em que foi elaborada. O que eu queria realmente era criar hipóteses, possibilidades de olhares. Tentar compreender a verdadeira essência de cada elemento. O que é vital em “A Hora Da Estrela”?

O tempo se faz necessário para aprofundar tal questão. Maturidade talvez. Percebo que meu olhar ainda é ingênuo diante dos fatos. Ainda há tanto por dizer, para perceber, sentir...

Tenho em mãos um texto escrito e um filme. Ambos falam sobre a mesma temática, mas construídos de perspectivas diferentes. O que há na narrativa textual que não está presente na fílmica?

Neste momento concentrei-me em observar as obras em suas totalidades. Percebi que Suzana Amaral, produtora do filme “A Hora Da Estrela”, construiu sua história a partir de sua idéia da obra de Clarice Lispector. A cineasta concebeu a idéia, formalizou-a, materializando-a

em sua produção filmica. Criando espectros, fantasmas das idéias de Lispector. Metamorfoseando-a.

E não é o mesmo que estou fazendo? Olhar para Macabéa era observá-la dentro de sua vida, era pensar em quantas encontramos no caminho, no espelho... Por isso minha necessidade de resgatá-la de olhares estrangeiros. Era romantizar uma situação que não há romance. Era recriar uma vida para aquela que se bastava em si mesma... Morreu diante do vazio que ocupou sua vida... Morreu de acordo como viveu. A morte de Macabéa foi o auge de ambas as obras. O momento que por alguns instantes nos encontramos com nós mesmos.

Quantas vezes morremos em uma vida? Quantas vezes nascemos em uma morte?

Professor estava com a má intenção de entregar o trabalho numa fase mais adiantada, mas como adiantá-lo se ainda estou fermentando-o, elaborando-o...

Às vezes tento correr contra o próprio tempo, esquecendo que o mesmo não existe... Ou existe? O fato é que comecei e por mais que pareçam certezas, considere como tentativas de suprir minhas angústias frente às possibilidades que os objetos de pesquisa me apresentam.

Abraços.

Kathlyn Fantonatt de Souza

16 de Outubro de 2007

Oi Katy (posso te chamar assim?) seu escrito está lindo e bem profundo, adorei, é assim mesmo! Já o guarde que vamos ajuntando os textos, que são relatórios de pesquisa. Veja se tem

nas bibliotecas da UNICAMP o livro “A língua exilada” de Imre Kertész, da Companhia das letras, e vai lendo. Se for difícil posso emprestar o meu para você fazer xerox. Tem também o livro de Bruno Bettelheim, “O Coração Informado”.

Você percebeu bem as Macabéas. Independente das nacionalidades, elas fazem parte dos “exilados”, esse é o tema que une Clarice, Macabéa, Marcélia Cartaxo, judeus, brasileiros...

Depois do dia 15 de novembro, me lembre para marcarmos uma conversa.

Parabéns, e abraços! Milton

16 de Outubro de 2007

Katy, o livro a Língua Exilada, tem no IEL, o nº de chamada é o 894.51134 k476L.
Abraços Milton.

16 de Outubro de 2007

Oi professor Milton, tudo bem? Fiquei muito feliz com seu parecer. Confesso que estava preocupada. Não foi fácil escrever aquele texto, ainda estou recolhendo meus pedaços. Procurarei os livros nas bibliotecas a partir de quinta-feira iniciando um novo percurso. Hoje não comparecerei na FE, assim poderíamos conversar quinta-feira ou sexta-feira, ou até mesmo na próxima semana. Escreva-me. Abraços. Katy

17 de Outubro de 2007

Oi Katy, procure os livros e vá lendo. Amanhã e depois estarei ocupado antes da aula, e no dia 20 vou viajar e volto dia 26. Assim conversamos depois, me escreva no fim de semana que vem para conversarmos. Abraços. Milton

17 de Outubro de 2007

Oi Professor Milton, até breve e boa viagem. Abraços. Katy

18 de Outubro de 2007

Oi, prof^o Milton. Espero que esteja bem. Iniciei algumas leituras, finalizei outras, reli e revi as obras de Clarice Lispector e Suzana Amaral. Escrevi alguns textos, rasguei quase todos. Ficou este. Outro olhar para Macabéa. O interessante é o processo de construção da pesquisa. A princípio temi a obra, depois a odiei e agora estou apaixonada pela mesma. Assusta-me pensar qual será o próximo passo. Mas, que gostoso é pensar nele.

Queria ter enviado antes, mas a FE esse semestre esta esgotante. Seguindo o conselho de um anjo envio o texto em anexo.

Abraços. Katy

05 de Novembro de 2007

... MACABÉA

A obra de Clarice Lispector, “A Hora Da Estrela”, me ronda como um fantasma que clama ser ouvido, revivido. É preciso exorcizá-lo, desenterrá-lo das entranhas do desconhecido e das profundezas de sua passada existência...

Que rituais criar para penetrar nesses fragmentos de vidas... de Clarice..., de Macabéa..., de Suzana..., de Marcélia...

A vela fora oferecida por Clarice no último suspiro de Macabéa... Oferecerei a recordação de uma vida, por tantas outras vidas...

A hora da estrela, momento único, solene, glorioso em que nos fundimos em nós mesmos, por nós mesmos. Fusão de dor, paixão, sonhos, guerras, medos, contemplação... Vida, que acaba em si mesma, morte que se transfigura em vida.

Nesse duelo constante de forças antagônicas, que oprimem e marcam o curso de nossa própria existência, nos construímos e nos destruimos constantemente, plenamente.

O que está no âmago da “A Hora Da Estrela” de Clarice, de Suzana?

A morte pela própria morte? A vida pela própria vida?

O sussurro de almas que vagam pelos corredores escuros de nossa própria existência oferecerá o acaso. O absurdo acaso de fatos dilacerados pelos caminhos. É preciso resgatá-los, profetizá-los, decodificá-los.

Nas encruzilhadas desses caminhos me deparo com a protagonista da obra, Macabéa. Pensar nela é ouvir o pronúncio de seu canto que hipnotiza, seduz. E nessa melodia se revela, se

desvela, dança... Docemente dança... Sensualmente desliza por entre a vida. Ela viveu como poucos... Morreu como muitos. Quebrara suas correntes logo que seus pais morreram. Fora morar com sua tia que lhe ensinou o essencial, sentir dor sem realmente tê-la ou evitá-la quando fosse conveniente, ser castigada como quem nasceu culpada e a perder o que não foi ganho.

As correntes revelam o peso que carregamos. As prisões em que estamos confinados. Todos nós... Por todos os tempos, em todos os lugares. Prisão sem paredes, sem grades que lentamente nos incorpora esmagando-nos a ponto das vísceras eclodirem do interior do corpo.

Nos dividimos entre alma e corpo mercantilizado, modulado por uma fria lógica vigente que perpassa nossos caminhos designando um destino. Sutilmente, silenciosamente.

Como fugir dos emaranhados do destino?

A protagonista da narrativa textual, “A Hora Da Estrela”, de Clarice Lispector em seu sopro de vida vislumbrou as possíveis brechas que encontrou em seu caminho. Migrou de um estado para o outro desde que vingou, formou lugares e foi formada por eles. Respirou pouco, comeu pouco, como quem quisesse prolongar o máximo os seus dias. Cantou, desejou, dançou... Sozinha em seu quarto dançou. Por uma pequena fração de tempo, na imensa solidão em que estava, encontrou-se. Olhando no espelho, lambuzando-se com o café solúvel que havia feito. Gota a gota... de si.

Em casa mesmo no exílio, Macabéa viveu intensamente. Usou e abusou de cada situação, de cada elemento, de cada colher de açúcar colocado em seu café, das mentiras que criou e que fazia parte, da imensidão e devassidão que encobre o interior humano.

Era uma peça descartável pelo sistema, solta, inócua... Ligeiramente livre. Sem família, sem imóveis para perder, sem possibilidade de reprodução (teria superado o gene egoísta?), sem religião, sem lamento, sem arrependimento... Solta, quase uma, ousa em dizer, estrela... Tinha um sonho ser artista de cinema, mal sabia que era a protagonista principal de seu próprio filme. É! Essa moça não questionava a vida, apesar de ter grandes olhos questionadores. Simplesmente vivia da melhor forma que podia.

Era anarquista? Possivelmente não, talvez nunca tivesse ouvido o termo. Mas, quanta transgressão cometeu. Alagoana vivendo sozinha no Rio de Janeiro, perto do cais onde algumas vezes podia ouvir um galo cantando. Era um instante de nostalgia, lembrava de sua Terra, de sua antiga morada... Nesses momentos o indivisível se torna visível sublime em si mesmo.

Às vezes é preciso parar e contemplar mesmo que de longe. Sentir cada pulsar, cada vibração, cada eclosão de idéias que surgem a todo instante, agonizando, clamando por serem ouvidas, recebidas... E estão por aí, passeando livres mesmo estando presas, assim como as Macabéas. Como nós Macabéas.

Na penumbra possivelmente podemos identificá-las, vagando de um lugar ao outro ou caídas numa encruzilhada ou outra, mortas, incandescentemente mortas...

05 de Novembro de 2007

Oi katy, adorei seu texto! Você está escrevendo muito bem, e entrando fundo. Imagino sua emoção com esse texto tão forte. Vai guardando todos os textos que você escrever, pois é

legal ficar com as anotações do processo de escrita. Mais para o fim do mês, começo de dezembro marcamos para conversar. Estou contente com seu trabalho. Abraços. Milton

06 de Novembro de 2007

Oi katy, só para lembrar, me escreva novamente no comecinho de dezembro para marcarmos uma conversa. Abraços. Milton

09 de Novembro de 2007

Oi Professor Milton, estou muito contente com que venho aprendendo. Embora continue perdida, ou talvez não. Penso que estou me encontrando aos poucos, gota a gota. Obrigada pelo parecer significou muito... Continuo escrevendo...

Até dezembro. Abraços. Katy

09 de Novembro de 2007

Oi Profº Milton, como vai?

Depois de um longo processo de construção e reconstrução, acho que sobrevivi ou comecei a despertar de um sono profundo. O curioso é que passamos tanto tempo como sonâmbulos perambulando pelo mundo...

Quantas ilusões estão postas em nossas vidas. Dormir, acordar, situações meramente existenciais. O que está para além do sono? O que está para além do estar acordado? Procuro pensar na obra de Clarice por esse caminho.

Como olhar para Macabéa de Clarice, Suzana, a minha se a olhamos de panoramas tão diferentes? Serão as muitas facetas de nós mesmas?

Nas encruzilhadas da vida podemos encontrá-las... vivas..., mortas..., dormindo..., acordadas... fundindo uma nas outras para incandescentemente desbravarem caminhos...

Professor são alguns fragmentos de pensamentos... Podemos conversar? Abraços. Katy

04 de Dezembro de 2007

Oi Professor Milton, como vai? Não tenho certeza se meu e-mail chegou, já que meu provedor está com alguns problemas. Assim, envio-o novamente. Abraços. Katy

10 de Dezembro de 2007

Olá Katy, tudo bem? Desculpe-me responder somente agora. Seu texto está muito bom! Gostei demais. Podemos conversar. Diga-me o dia e horário bom para você, nessa semana e na outra, que combinamos. Se você puder vir durante o dia é melhor. Abraços! Milton

10 de Dezembro de 2007

Oi professor Milton. Tudo bem? Poderei ir a FE na quarta-feira (12/12/07) a partir das 14h00min, na sexta-feira (14/12/07) às 18h00min, na segunda-feira (17/12/07) às 14h00min e terça-feira (18/12/07) à noite. Depois destas datas terei atribuição na escola e remoção na rede, situações enlouquecedoras. Abraços. Katy

11 de Dezembro de 2007

Olá Katy, então veja se dá para você ir nessa quarta-feira, às 15h30min. Um abraço.
Milton

11 de Dezembro de 2007

Oi professor Milton, comparecerei nesta quarta-feira. Até breve. Abraços. Katy

12 de Dezembro de 2007

Oi professor Milton, como vai?

Sinto muito por não escrever antes, mas estava travando guerras... Não se assuste. Não entrei em nenhuma guerrilha, nem tão pouco passei as férias na Cruz Vermelha. A verdade, a minha vida é mais agitada.

E em um desses turbilhões do destino deparei-me com Clarice Lispector e sua obra, “A Hora Da Estrela”. O fato era para ser apenas uma pesquisa de Conclusão de Curso, mas hoje tanto escritora/obra, quanto pesquisadora – no caso, impreterivelmente neste caso, eu – fundimos como amálgama nos acasos sem fim...

O que farei com criador e criatura? Decantar as singelidades da composição? Suscitar as expressões do tempo tatuadas em suas construções? Ou apreciar sua obra como toda grande obra merece... Pouco a pouco observada..., pouco a pouco tocada..., pouco a pouco resgatada..., pouco a pouco...

Lembro de nossa última conversa, em meados de dezembro, época em que os lugares eram decorados e condensados com elementos natalinos. Guirlandas, trenós puxados por renas... e neve, muita neve. Fragmentos pitorescos ao país tropical em que vivemos. Conversamos sobre o TCC e os textos que havia enviado. Confesso que mais ouvi que propriamente falei. Fluxo natural da compartimentação enfrentada pelas convenções sociais e... apimentada por medo. Medo de fracassar diante do espelho... Espelho que me revela... se desvela...

E entre tantas palavras, onomatopéias, medo, vida o presente TCC – hoje sem Título, mas com grandes possibilidades futuras – foi tomando seu formato. Como primeiro rabisco do giz no papel, selecionei alguns fragmentos da obra de Clarice Lispector, “A Hora Da Estrela”, para contrapor a obra de Suzana Amaral, com o mesmo título:

- O quarto e a visita à cartomante seguida da morte de Macabéia.

Pincelei alguns textos introdutórios e esboços sobre o capítulo que se refere ao Quarto. Sobre a morte, a mesma esta a bailar em torno de todos nós, nos suspiros de amor, gemidos de

dor. Gentilmente a nos deslizar por entre a vida... Por isso, deixo esse solene momento para o final ou para o até breve... Quem sabe?

Li um pouco mais de Clarice e percebo como fui arrogante, egoísta e injusta nas minhas considerações preliminares. Mas, compreendo que construir uma pesquisa é no mínimo berrar algumas tolices no caminho.

Por essa razão meu silêncio. Fiz uso desses meses para me aprofundar no assunto, lendo e ouvindo fragmentos da vida da escritora. Já que suas obras são espelhos de sua alma. E principalmente me ouvir... Pois há tanto barulho... Que as vozes mais singelas, aquelas mais genuínas, que tocam verdadeiramente nossa alma são pouco sentidas... pressentidas... Serei franca, não foi apenas pelo barulho, mas principalmente pelo susto... do toque... daquela que do púlpito de Érebo olha a devassidão humana.

Professor meus olhos foram ofuscados pela intensidade da luz, da incandescência divina que se emana das obras de Clarice Lispector... Adentrá-las era percorrer, passo a passo, sua via-crúcis... Minha via-crúcis...

As insígnias estavam por todo o caminho. Por trás de cada personagem, dos elementos que compunham a obra, de cada ato e desato de nó dado pelas Parcas...

E as histórias se desenrolavam. A de Clarice, a minha, a de Macabéa...

A princípio acreditei que era mais uma narrativa que viera relatar a saga de uma nordestina no tão sonhado Sul. Mais uma vez estava enganada. A narrativa ou literatura de Cordel, assim como Lispector descrevia sua obra, era a fenda pela qual a escritora respirava. E por trás tecia sua obra entrelaçando-nos, como uma jibóia a sua presa. Inesperadamente

esmagava-nos, osso a osso, a ponto de nossa corrente sanguínea eclodir pelos olhos em jatos de sangue viscoso; manchando presa e predador. Desse ato criou-se um pacto inexorável... E irremediavelmente... um pertence ao outro e o outro a um...

Como decodificar sua obra sem contaminá-la? Como tocar o sagrado sem profaná-lo?

Como preparar o terreiro da análise?

Dirigir-se ao centro e olhar em qual das pontas da estrela mergulhar?

Que seja dito que a história é sobre uma estrela, ou sobre muitas estrelas... Estrelas bem brilhantes, bem presentes, bem ausentes...

Mas o mergulho deve ser dado com cautela, pois uma vez penetrando nas profundezas não haverá volta. Como se foi, não voltará. Se acaso perder-se procures os oráculos do caminho e acima de tudo decante-o, trecho a trecho. E se encruzilhadas chegares à oferenda deve ser feita. O caminho é belo, porém penoso. Deves enxergar, mesmo com as cegueiras postas no dia-a-dia. Mas, se cortinas de fumaças cobrirem-lhes a visão, grite bem alto para que se possa ouvir por entre a fenda da estrela e uma prece será feita. Esteja disposto a enviar mensagens, mas pagar por elas. E jamais, em hipótese alguma olhe para trás... E tudo ocorrerá como deve ocorrer...

Do labirinto de almas desencontradas a oferenda se faz necessária. Mesmo Orfeu para ressurgir das profundezas subterrâneas tivera que fazer a oferta a Hades, a fim de resgatar a sua diva. Para o resgate Hades espera sua oferenda. Tambores tocam das profundezas... O barqueiro espera sua paga... O mensageiro fora enviado... A travessia deve ser feita.

Com o manto a cobrir-se dos demônios que espreitam a passagem e a vela iluminar os caminhos dos desalmados, a jornada inicia. Passo a passo. Lentamente. Como quem não quer ser

ouvido, percebido. O temor corre por entre as veias, a respiração ofegante serve de alimento a chama que, pouco a pouco, aproxima-se do barco... Do mar...

Não se esqueças que o mergulho será dado no mar sem fim dos sentimentos humanos... Purifique-se, se despida e despede-se de si...

A caminhada deve ser feita descalça para que os pés sintam o fervor do chão e o frio do medo... Longe se ouvem batidas que choram. Chega dar um frio fúnebre na alma. E o cortejo segue seu rumo... Vagarosamente, silenciosamente...

E lá, onde o mar abraça as rochas ferventes do inferno o barqueiro espera. Mutilada pela jornada as vestes não são mais necessárias. O resto de outrora, que ficara cravado no manto, é a paga a ser dada ao atravessador. O lamento daquilo que foi perdido as almas que vagam sem destino. E o exílio a rainha do mar, já que também um dia sua filha pedira.

O barco parte mar adentro... A travessia fora iniciada... O mensageiro a abrir caminho... É indiferente a ponta em que estava, já que não há começo e nem chegada. Lentamente desaparecem nas brumas...

De uma ponta mais alta um corpo mergulha...

PS: Enviei o arquivo dessa forma – sem formatação-, pois digitara no CB em um sistema diferente do costume. Que prisões! Mas, permaneci forte. E posso dizer que entre mortos e feridos sobreviveram todos.

Sinceramente espero que o senhor esteja bem. Que tenha abusado e se deliciado com as férias e festas do final do ano. Desculpe o atraso. Mas, a retomada de consciência é um

processo... que estou falando comecei a caminhar agora. Mas como dói... UM ABRAÇÃO
KATY.

PS: Segue o histórico das nossas conversas...

07 de Abril de 2008

Olá Katy, vou indo bem, e você? Imagino as guerrilhas internas da alma! Ainda mais você que é sempre tão inteira no que faz!!! Por favor, imprima os seus escritos para eu ler tudo junto, pois não gosto de ler mais que uma página no computador. Pode deixar no escaninho, ou então estou sempre entre 15h e 30 min e 18h00min no OLHO. Obrigado e um abraço! Milton

07 de Abril de 2008

Oi professor Milton, estou bem. Poderia levá-los pessoalmente na sexta-feira? Abraços
Katy.

07 de Abril de 2008

Oi Katy, pode trazer sim na sexta. Por favor, deixe no meu escaninho no 2º andar da faculdade, no bloco das chefias de departamento. Obrigado e abraços. Milton

07 de Abril de 2008

Oi professor Milton, deixei meus escritos no escaninho. Infelizmente não sobrou tempo para revisar e formatar os textos. Desculpe. Gostaria de entregá-los num formato mais apresentável.

Segue o projeto de pesquisa entregues na disciplina da Professora Débora Mazza, no segundo semestre de 2007. Serei franca, tanto organização desse projeto, como escolha do título foram feitos sobre pressões burocráticas. O texto apresenta grandes possibilidades, mas o título... nem pensar! Muito obrigada por me acompanhar nessa jornada. Abraços Katy.

09 de Abril de 2008

Oi Katy, vou pegar no meu escaninho amanhã, terça, e lerei com bastante interesse, tenho certeza que mesmo não formatado deve estar bonito. Abraços. Milton

09 de Abril de 2008

Ok! Abraços, Katy

15 de Abril de 2008

Olá ou oi, Katy!... Essa mensagem foi enviada por volta do dia 21 á 25 de Abril. Ou antes, ou depois. O fato é que o fragmento dessa conversa foi perdido. Poderia criar inúmeras desculpas, mas prefiro relatar a verdade. A pura verdade. Aquela que é colhida nos primeiros instantes da aurora... perdi, sim perdi. Como recuperar o que foi dito? As palavras vão ao vento. E o que foi escrito, no e-mail, as profundezas abissais de um sistema eletrônico, porém orgânico. Não encarem como desmazelo, mas como aquela que se deparou com os acasos da vida e uma caixa de mensagens travada. Devido aos excessos das mesmas. Problema resolvido... mensagens perdidas...

Que saudades das cartas escritas em outrora. Da ansiedade da espera e da alegria/tristeza da chegada. Hoje percebo que o gosto, gostoso de sentir, era da espera. Da muda espera. No entanto, o agora se faz presente na imediata necessidade de ser... Quanto à conversa com o professor Milton, segundo minhas lembranças, era sobre o encerramento do TCC e a conversa que teríamos sobre os textos que enviara.

21/04/08 à 26/04/08, ou antes, ou depois... Quem sabe?

Oi professor Milton, Como vai? Estou bem. Posso encontrá-lo às 15h00min. Abraços.

Katy ...A data é incerta...

Oi Katy te espero. Abraços. Milton

26 de Abril de 2008

Olá Professor Milton espero que esteja bem! Como combinamos deixei meu manuscrito no OLHO. Fiz algumas alterações, principalmente na II parte da pesquisa. Naquele momento em que referia que Clarice era uma estrangeira. Insensibilidade a minha recorrer a tal adjetivo para referir a presente escritora. Mas, as asperezas da vida nos condicionam a atacarmos para nos defendermos. Essência da sobrevivência. A esse ponto a flecha fora lançada. A palavra fora dita. Desde então, travei uma grande cruzada, talvez uma das maiores da minha vida, para descobrir o que me inquietava em suas palavras/obras. E à medida que a lia, a relia, sofria com suas dores, a ponto de acalantá-la em meus braços, chorar as suas próprias lágrimas, de rir seus risos... De revoltar-me em suas revoltas...

Há professor... Ninei-a, protegi-a... e em seu quarto, repouso eterno, deixei-a...

A transfiguração desse espaço sobrepõe-se a alma daqueles que o reside, que os incorpora... O que nos revela as sutilezas desses contornos?

Lembro-me de Macabéa em seu quarto deslizando sobre a sombra decomposta do vime dos velhos móveis, confidentes fieis de antigos moradores. As paredes entrelaçavam-se em

sonhos perdidos, ao pranto de dor, ao gozo de uma auto-introspecção, a um gemido, um grito...
Que pouco a pouco marcavam a estrutura molecular daquela edificação.

Algo pairava no ar. Uma respiração um pouco mais forte. Uma lágrima a rolar pela face. Não!... Era uma melodia, que majestosamente abraçava aquele recinto. A cada nota..., a cada vislumbre..., um corpo bailava como uma última dança. Movimentando acromaticamente cada músculo, suspiro, delírio...

Como uma Esfinge, a moça, deslizava no silêncio constante daquela melodia. Fundindo-se na memória ausente e presente daquele lugar. E mais antiga que imaginara rodopiava..., no nobre vazio que invade a existência humana. Ressuscitando das tumbas do tempo antigos movimentos... Rituais... mortos, porém vivos... presentes em nosso corpo histórico, cultural, marcado geneticamente pelas oscilações temporais...

Passado?... Futuro?... Presente?...

Como segurar as areias do tempo? Tempo?

Areias que, misturadas a tantos outros produtos, formam a massa bruta para a construção desse cômodo tão peculiar às residências. Areias... tempo... Pedras... momentos... Perdas... ganhos... Cimento... ligação cósmica... Janelas... fendas... Porta... mistério... segredo... Fechadura... entrada e saída de si... Chave... grito, riso, pranto, gozo... Que chaves utilizar para adentrar em sua alcova? Em nossa alcova?

Penetrar através do alpendre, sorrateiramente, para espiar a extensão de Macabéa? Ou enfeitiçá-la com sons doces de tambores já perdidos?

Depois de uma longa caminhada, em busca de tantas respostas, em meio a tantas teses, antíteses... Estávamos lado a lado. A cada passo..., a cada devaneio..., a cada surpresa revelada em sua maior plenitude pelo destino...

O fato inexorável, Macabéa se circunscrevia. Destinava-se a cumprir um destino. E em sua saga percorreu caminhos infundáveis. E nessa procissão de almas, nessa complexidade energética, a trama afluía. Manchando os céus com sangue que pulsava de suas nervuras...

No limiar da estrutura orgânica as conexões com o mundo se apresentavam.

E entre sono e sonho minha obra se transcrevia...

Nanã,... Nanã,... Nanã,... Tu és o princípio...,

Nanã,... em seu repouso eterno Clarice vislumbra ...,

Nanã,... Macabéa lança-se em nós...,

Nanã,... e eu ainda sonho...

Professor Milton, obrigada por participar dessa última Cruzada... (Não se assuste!) Na graduação. Continuo sonhando... Abraços, Katy

PS: Na segunda parte trouxe falas de Clarice Lispector, recolhidas no Livro de Borelli... O direito ao grito.

09 de Maio de 2008

Oi Professor Milton, como vai?

Na sexta-feira passada entreguei-lhe meu TCC acreditando que havia o acabado. Num momento de desespero calei-o por dias. Ao relê-lo deparei, em meu não tão último e-mail com uma citação de Fernando Pessoa. Desde então, comecei a me questionar as possíveis razões para colocá-lo em meio as minhas palavras. E entre tantos encontros e desencontros a verdade inexorável: usei-o como muletas, a fim de firmar-me diante de meu próprio espelho... que me revela..., que se revela... que cobre, que descobre, que forma, que ... que... instiga, inspira, intriga...

Usar Fernando Pessoa foi o mesmo que tocar no remoto passado em que ilusões eram ilusões, sonhos eram sonhos... e o futuro... ainda existia. Por uma pequena fração de tempo segurei-o... O tempo! Que embora não exista, está a todo o momento nos lembrando que passa... Tic Tac... E neste instante em que o contemplei, assustei-me com o cárcere que estivera confinada há 500 anos...

Hoje consigo compreender, mais a fundo, as razões que Clarice tinha para usar Rodrigo/narrador. Há feridas que não cicatrizam, simplesmente cobrem-se com uma pequena camada de esperança. E ao tocá-la, mesmo acariciando-a, abre-se uma porta para toda obscuridade lacrada em seu abismo interior. E o que sobressai é algo assustador...

Como lidar com o inesperado, já que somos educados a sermos iguais, usarmos as mesmas roupas, assistirmos os mesmos filmes, ouvirmos as mesmas músicas, a pensarmos da mesma forma, a termos os mesmos destinos (se isso fosse possível)...?

Fernando Pessoa fez parte de utopias passadas, de uma pessoa que não existe mais... Foi uma mera tentativa de segurar as areias do tempo em minhas mãos, mas como segurá-las se caem por entre meus dedos!?... Gostaria de extraí-lo de minha narrativa. Tudo bem?

A propósito o que o senhor acha de mudarmos o título para “A Morte Da Estrela”? Não sei. Uma idéia que me surgiu como um relâmpago...

Um talvez último detalhe. Ao reler minha pesquisa encontrei alguns aventureiros erros de digitação que já foram resolvidos. Sinto muito, mas as trincheiras não estão fáceis... Posso entregar outra cópia. E a segunda parte? Muito Frankenstein? Posso revê-la. Espero que o Senhor esteja bem!

Abraços, Katy

16 de Maio de 2008

Oi Katy, como vai? Então inclua este e o último e-mail e o que quiser no seu TCC, que está bem bom, e pode terminá-lo que convidei o segundo leitor, e até já passei a cópia que você havia entregue para ele ir lendo. Já está bem bom, e agora vai ficar melhorrrrr. E pode mudar o

: título vai ficar também bom. E pare por aí... estarei aqui no olho, na terça e na quarta depois das 14h30min . Parabéns novamente e abraço! Milton

16 de Maio de 2008

Ufá!... Obrigada e até quarta. Abraços Katy.

17 de Maio de 2008

Olá Professor Milton, como vai? Espero que esteja bem.

Por volta da segunda quinzena do mês de maio entreguei-lhe o TCC- o grito calado - e na ponta da barca contemplei-o... E por uma pequena fração de tempo esqueci-o.

No entanto, depois de adentrar o labirinto de espelhos que compõe a alma humana percebo que continuo partindo... E aquele vazio que nos atinge depois de tocarmos o sagrado continua e como fogo nos queima na eterna busca de nós...

E a vida, aquela composta por ilusões orgânicas, escorre pelas veias. E a cada pulsar um fato, um rosto, um ou dois mistérios perdidos em meio à névoa do tempo... Que insígnias os compõem?

Minha caminhada ainda é longa... E a barca que me leva está em meio ao oceano vagando em sua imensidão... e eu a contemplar as estrelas... faíscas de nós...

Espero que nossas barcas se cruzem novamente... Pois são nos grandes encontros que o sublime manifesta-se... Por agora um imenso obrigado por me acompanhar nessa viagem...

PS: Professor quanto ao TCC sofreu algumas mudanças. Não se assuste... será a última. Na verdade pensei na massa bruta sem interferências.

Assim, extraí o sumário, citações da abertura dos capítulos e a citação inicial do capítulo "... o caminho...". Em relação ao anexo refleti um pouco mais sobre o que o mesmo deveria representar. E elaborando o pôster defrontei-me com o inesperado. Como sintetizar minha obra em imagens? No susto comedido olhei-me por entre meus olhos e vi minhas/nossas muitas facetas... O que o senhor acha? Ainda há tempo? Envio a nova formatação em anexo e o trabalho impresso poderia deixar no escaninho?

Desculpe por enviar as mudanças agora, sei o quanto é ocupado, mas algumas metamorfoses ocorrem no fio inesperado... Obrigado e Abraços, Katy

12 de Junho de 2008

Oi Katy, seu TCC está ficando cada vez melhor, mas já passei ao leitor, mas posso passar a nova versão, também. O melhor é encerrar e deixar as novas escritas para novos trabalhos.

Agradeço a você também o prazer que foi orientá-la, uma orientação que você quase nem precisava. O que precisava era de umas sugestões e impulsos para perder o medo, você pode ser uma escritora se quiser!

Um abraço e certamente nos veremos. Milton

13 de junho de 2008

... O Encontro...

A escolha da presente proposta partiu de uma conversa que realizei em meados de agosto, de 2007, com Professor Milton José de Almeida do departamento OLHO, atual orientador. Nesse momento, coloquei minhas inquietações sobre os meios de comunicação e sua ação direta na educação das crianças pequenas, sendo uma possibilidade para o TCC.

No entanto, depois de um longo processo de escolarização, quantificando aquilo que muitas vezes não é quantificável, medindo, calculando, padronizando... E tantas outras categorias que incorporamos ao longo da vida, ansiava por caminhos diferentes.

Muitas vezes carregamos certezas que aparentemente são insolúveis, uma doce e cruel ilusão colocada diante dos nossos olhos que não estão habituados a perceber a realidade. Realidade? O que é real?

Uma obra-prima é um julgamento da realidade, completo e acabado, e que mantém uma absoluta afinidade com essa mesma realidade (...).

(...) Nesse contexto a obra de arte se encontra em total dependência daqueles que a recebem, daquele que é capaz de perceber, ou manipular, os fios que a ligam, a primeiro, com o mundo em geral, e, depois, com a personalidade humana em sua relação individual com a realidade.¹

¹ Tarkovski, Esculpir o tempo, Martins Fontes, 1998, p. 50.

Dessa forma, definimos a pesquisa. Acreditando que meus maiores problemas estavam resolvidos iniciei a leitura do livro "A Hora Da Estrela" de Clarice Lispector.

Ao concluí-lo entrei em contato com a complexidade do trabalho. O que me deixou muito assustada. Não pelo trabalho em si, mas pelos fantasmas que encontrei à medida que reli a narrativa, pois lembrava do texto em que havia lido com outros olhos num outro tempo. A impressão que tenho é que ao relê-lo entrei em contato com uma outra história, contada por uma outra pessoa. Mais estarecida fiquei quando assisti o Filme de Suzana Amaral, com o mesmo título.

O tempo é divisor de águas... e a mudança ocorre a partir disto. Mudança de olhar, de ideologia, de vida. E nessa dança enigmática que nos deparamos com as coisas e a olhamos, a sentimos, a incorporamos. O que inicialmente fiz com a obra de Lispector. A princípio me incorporei em sua obra e vivi cada elemento, cada personagem. Impudentemente me apropriei de sua narrativa e intensamente mergulhei em sua tragédia.

Imersa nessa trama me distanciei do objeto de pesquisa e respirei. Assim como Rodrigo (narrador), por dias respirei. Nesse momento iniciei a leitura de Abbas Kiarostami e entre tantas palavras me deparei com o que comentava sobre as mentiras. Uma vez misturadas às verdades ambas se fundem, possivelmente evidenciando as fragilidades sociais.

O que é verdade? O que é mentira?

Olhar para Macabéa, protagonista das obras era observá-la dentro de sua vida, era pensar em quantas encontramos no caminho, no espelho... Era romantizar uma situação onde não há

romance. Era recriar uma vida para aquela que bastava em si mesma... Morreu, diante do vazio que ocupou sua vida, morreu da mesma forma como viveu... Sozinha.

A morte de Macabéa foi o auge de ambas as obras. A hora em que por alguns instantes nos encontramos com nós mesmos. Quantas vezes morremos em uma vida? Quantas vezes nascemos em uma morte?

(...) Qual foi a verdade da minha Maca? Basta descobrir a verdade que ela logo já não é mais: passou o momento (...).

Mas que não se lamentem os mortos: eles sabem o que fazem. Eu estive na terra dos mortos e depois do terror tão negro ressurgi em perdão. Sou inocente! Não me consumam! (...).

Estou agora me esforçando para rir em grande gargalhada. Mas não sei por que não rio. A morte é um encontro consigo mesmo. Deitada, morta, era tão grande como um cavalo morto. O melhor negócio é ainda o seguinte: não morrer, pois morrer é insuficiente, não me completa, eu que tanto preciso.²

Morte... Vida... Morte e transfiguração? A Hora Da Estrela, momento único, solene, glorioso em que nos fundimos em nós mesmos, por nós mesmos. Fusão de dor, paixão, sonhos, guerras, medos, contemplação... Vida, que acaba em si mesma, morte que se transfigura em vida.

Nesse duelo constante de forças antagônicas, que oprimem e marcam o curso de nossa própria existência, nos construímos e nos destruímos constantemente, plenamente.

² Lispector, A Hora Da Estrela, Rocco, 2006, p.106,107.

(...) Lírios brancos encostados á nudez do peito. Lírios que eu ofereço e ao que está doendo em você. Pois nós somos seres e carentes. Mesmo porque certas coisas – se não forem dadas - fenecem. Por exemplo – junto ao calor do meu corpo a pétalas dos lírios se crestariam. Chamo a brisa leve para a minha morte futura. Terei de morrer senão minhas pétalas se crestariam. É por isso que me dou à morte todos os dias. Morro e renasço. Inclusive eu já morri a morte dos outros. Mas agora morro de embriaguez de vida. E bendigo o calor do corpo vivo que murcha lírios brancos. O querer, não mais movido pela esperança, aquieta-se e nada anseia. Meu futuro é a noite escura e eterna. Mas vibrando em elétrons, prótons, nêutrons, mésons – e para mais não sei, porém, que é no perdão que eu me acho. Eu seria impalpável substância que nem lembrança de ano anterior substância tem.³

A narrativa textual de Clarice Lispector, “A Hora Da Estrela” foi publicada em fins dos anos 70. Enquanto que a narrativa fílmica de Suzana Amaral foi lançada no ano de 1985. Ambas as obras abordaram a migração nordestina para a região sudeste, apresentando como protagonista Macabéa:

(...) quero neste instante falar da nordestina.(...) ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma.(...) dois olhos enormes, redondos, saltados e interrogativos (...) Não tinha aquela coisa delicada que se chama encanto (...) Embora a moça anônima da história seja tão antiga que podia ser uma figura bíblica. Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim.⁴

³ Borelli, Clarice Lispector: esboço para um possível retrato, Nova Fronteira, 1981, p.61,62.

⁴ Lispector, A Hora Da Estrela, Rocco, 2006, p.18,29,35.

Clarice Lispector estruturou uma história a partir de elementos retirados da vida. Suzana Amaral seguiu outro caminho, olhou para obra de Lispector e construiu seu filme; *“a diferença básica é que a literatura recorre às palavras para descrever o mundo, ao passo que o filme não precisa usá-las: ele se manifesta diretamente a nós”*.⁵

O fato é que ambos os objetos de pesquisa, narrativa textual e fílmica são compostas por intencionalidades. Aqueles que as produziram arquitetaram suas obras a partir de suas experiências pessoais, posição política.

O artista nos revela seu universo e força-nos a acreditar nele ou rejeitá-lo como irrelevante e incapaz de nos convencer. Ao criar a imagem ele nos subordina seu próprio pensamento, que se torna insignificante diante daquela imagem do mundo emocionalmente percebida, que lhe surgiu como uma revelação. Pois, afinal o pensamento é efêmero, ao passo que a imagem é absoluta. Pode-se então afirmar que, no caso do homem espiritualmente receptivo, existe uma analogia entre o impacto produzido pela obra de arte e o impacto de uma experiência puramente religiosa. A arte atua, sobretudo na alma, moldando sua estrutura espiritual.⁶

Devemos levar em conta que Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, mas aos três meses de vida sua família refugiou-se no Brasil. Sobreviventes da devassidão humana que assolava a Europa no século XX... (Desde antes... E até o agora!?) Da fúria impiedosa de uma ideologia berrante.

⁵ Tarkovski, Esculpir o tempo, Martins Fontes, 1998, p. 50.

⁶ Tarkovski, Esculpir o tempo, Martins Fontes, 1998, p. 50.

Traziam para sua nova morada seus tesouros mais preciosos. Entes queridos, pertences antigos, sonhos, saudades, dores, lamentos, lágrimas... E o mais valioso, sua Arca da Esperança, sua história... Tatuada nas esferas mais densas da carne humana.

Aprisionados que somos em nós... Não há saída. O destino deve se fazer cumprir... As correntes revelam o peso que carregamos. As prisões em que estamos confinados. Todos nós... por todos os tempos, em todos os lugares. Prisão sem paredes, sem grades que lentamente nos incorpora esmagando-nos a ponto das vísceras eclodirem do interior do corpo. Dividimo-nos entre alma e corpo mercantilizado, modulado por uma fria lógica vigente que perpassa nossos caminhos designando um destino. Sutilmente, silenciosamente.

Em casa mesmo no exílio, Clarice Lispector viveu intensamente. Usou e abusou de cada situação, de cada elemento, de cada colher de açúcar colocado em seu café, das mentiras que criou e que fazia parte, da imensidão e devassidão que encobre o interior humano.

Que olhar a presente escritora direcionou para a nordestina? De qual panorama a observou, a esculpiu?

Nós todos temos marcas, visíveis ou não. E são esses elementos, feridas do tempo, que permeiam nossa identidade e que nos distingue dos demais. Clarice Lispector narrou uma história do que observara quanto uma Brasiliense... Incorrigivelmente nordestina.

E somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina:
que é a morte que se morre

de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos
Iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algun roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença migra.⁷

Lispector levou esses estigmas para sua obra tatuando-os a cada eclosão de Macabéa, a protagonista, e os demais personagens. Sensibilizando-se com aquela mulher, com aquele rosto, porque ironicamente estavam na mesma condição. Eram mulheres. E sendo mulheres podiam se compreender e perceber o discurso mudo que todas enfrentam no dia-a-dia, o processo de dominação e marginalização. Nesse jogo perverso que mulheres foram e são queimadas na fogueira. Seja na própria reação química (combustão) ou até mesmo nos casamentos, nas ideologias, nas maternidades...

⁷ Neto, Morte e Vida Severina, Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros, Rio de Janeiro, 2008, p.74,75.

Possivelmente por essa construção e interiorização milenar de fatos é que Clarice Lispector usou um narrador (Rodrigo) para contar sua história. O que inicialmente me incomodou muito. Já que temos a ilusão do sonho feminista de outrora. Superado este fato (ou não) percebi a astúcia da escritora em aproveitar das oportunidades postas pelo destino.

Suzana Amaral, produtora do filme ("A Hora Da Estrela"), construiu sua história a partir de sua idéia da obra de Clarice Lispector. A cineasta concebeu a idéia, formalizou-a, materializando-a em sua produção fílmica. Criou espectros, fantasmas das idéias de Lispector. Metamorfoseando-a.

Duas pessoas, dois olhares, duas histórias, a mesma temática. Contaram aquilo que viram, sentiram. Impressões construídas historicamente, estigmatizadas e estereotipadas pelo processo de aculturação. Moldadas pela educação do olhar que somos inseridas desde que iniciamos o processo de decifração dos códigos icônicos, do manuseio dos objetos, da interação com os sujeitos.

Dessa forma, o que está presente na narrativa textual de Clarice Lispector que não está na fílmica?

A presente proposta de pesquisa teve por objetivo observar a construção da narrativa fílmica, "A Hora Da Estrela" da cineasta Suzana do Amaral a partir da obra literária de Clarice Lispector, com o mesmo título. Foi para além de uma mera observação, mas apreciar as obras em suas totalidades, complexidades. Olhá-las em sua plenitude, despi-las em seus mistérios, contemplá-las na mais profunda expressão da arte.

A arte se dirige a todos, na esperança de criar uma impressão, de ser sobretudo sentida, de ser a causa de um impacto emocional e de ser aceita, de persuadir as pessoas não através de argumentos racionais irrefutáveis, mas através da energia espiritual com que o artista impregnou a obra. Além disso, a disciplina preparatória que ela exige não é uma educação científica, mas uma lição espiritual específica.⁸

O que pretendia realmente era criar hipóteses, possibilidades de olhares. Tentar compreender a verdadeira essência de cada elemento. O que é vital em "A Hora Da Estrela" de Clarice Lispector, de Suzana Amaral?

Essa pesquisa não teve por finalidade dizer o que está certo ou errado nas obras de Lispector e Amaral. Mas, observar com quais olhares tanto escritora, quanto cineasta esculpiram a protagonista da obra e a trama que a envolvia.

As obras dos grandes poetas nunca foram lidas pela humanidade, pois somente os grandes poetas são capazes de lê-las. Elas só foram lidas da mesma maneira que as multidões lêem as estrelas, quando muito como astrólogos, não como astrônomos. Em sua maior parte, as pessoas aprenderam a ler para atenderem a alguma mesquinha conveniência, assim como aprenderam a fazer contas para manterem em dia sua contabilidade, sem serem enganadas em seus negócios; quanto a ler como um nobre exercício intelectual, trata-se de algo sobre o qual pouco ou nada sabem. No entanto, essa é a única forma possível de leitura no sentido mais elevado do termo; não aquela que nos acalenta como um luxo, ao mesmo tempo que entorpece as nossas mais nobres aptidões, mas aquela em que temos que nos colocar na ponta dos pés para ler, dedicando-lhe as melhores horas de nossa vigília (Trecho do livro *Walden* de Thoreau, citação de Tarkovski).⁹

⁸ Tarkovski, *Esculpir o tempo*, Martins Fontes, 1998, p. 40.

⁹ Tarkovski, *Esculpir o tempo*, Martins Fontes, 1998, p. 51.

Ao entrarmos em contato com uma obra literária mergulhamos num mundo construído pelo escritor, sedimentado e imaginado através de um longo processo de construção e reconstrução. Num sentido muito real, suas produções são compostas por seus fragmentos, daquele que um dia foi e daquele que um dia possivelmente será. O poeta não usa *descrições do mundo; ele próprio participa de sua criação.*¹⁰

O escritor não é um ser passivo que se limita a recolher dados da realidade, mas deve estar no mundo como presença ativa, em comunicação com que o cerca.

Na atividade de escrever o homem deve exercer a ação por desnudamento, revelar o mundo, o homem aos outros homens. E ao fazê-lo deverá escolher dizê-lo de modo determinado, pessoal.

Ele tem ou não a consciência de seu papel de “revelador” das coisas, o meio através do qual elas se manifestam e adquirem seu significado. Mas, apesar de ser o detector da realidade não é seu produto, isto é, apesar de o escritor ser o revelador do mundo, isso não é essencial a ele, mas sim torná-se essencial à sua obra, pois que sua obra não existiria se não fosse ele.

A literatura deve ter objetivos profundos e universalistas: deve fazer refletir e questionar sobre um sentido para a vida e, principalmente deve interrogar sobre o destino do homem na vida.

Há escritores que por opção e engajamento defendem valores morais, políticos e sociais outros cuja literatura é dirigida ou planificada a fim de exaltar valores, geralmente impostos por poderes políticos, religiosos, etc., muitas vezes alheios ao escritor.

Penso que o escritor deve dirigir-se à liberdade de seus leitores, integrados ou não na mesma situação histórica e para quem as realidades descritas sejam ou não alheias. E, ao fazê-lo, escritor deve mobilizá-los a uma identificação, questionamento ou possível resposta.¹¹

¹⁰ Tarkovski, *Esculpir o tempo*, Martins Fontes, 1998, p. 45.

¹¹ Borelli, *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*, Nova Fronteira, 1981, p.72,73.

Dessa forma, lê-las foi o mesmo que adentrar no mosaico de vidas elaborado pelo escritor em suas produções.

Estamos falando, sobretudo de uma obra de arte, que deve ser apreciada como tal, pois *através da arte o homem conquista a realidade mediante uma experiência subjetiva*.¹²

A arte é a busca de uma realidade sonhada. Cada vida tem sua arte. Então quer dizer que é no buscar que se repleta o vazio. Mas existe uma ilusão sempre renovada: quando a busca encontra, nasce outro vazio.

Penso e sei que vou ao encontro do que existe dentro de mim, vou a esse encontro nua descalça e com mãos vazias, à mercê de mim mesma. Só eu, que encarno Deus, posso plenificar. Plenificar na pobreza de espírito.

Só a necessidade que eu tenho me justifica. Que seria de mim se eu precisasse? Que seria do meu corpo se não houvesse o aviso da fome? Que seria de mim se não houvesse o futuro? Que seria de mim se não precisasse de Deus?

Só a falta me justifica uma Busca jamais atingida. Mas enquanto isso, hoje é hoje.

Minha necessidade me informa.

Senti de repente uma solidão altíssima. Aquela em que se quer inventar Deus e não se consegue.

Só me enganando que existe Deus é que consigo viver. Se não fosse a fé inexplicável pelo Desconhecido, o desespero me destruiria. Eu finjo que existe “Deus” para agüentar o inexplicável através do inexplicável.

Estou desarmada, frágil, abandonada – e há esperança. Esperança em quê? No encadeamento orgânico de um absurdo se encaixar em outro absurdo, este preso por elo forte a mais outro absurdo até chegar ao Absurdo: um Deus. Mas não existir um Deus seria inventar a hipótese absurda de sua inexistência. E tudo é acusado por outra causa. A primeira – como é que apareceu?

De repente, eu vi que não estava livre. Engradada e condicionada. Então com veemência disse-me; eu não creio em Deus e não creio nos homens.

¹² Tarkovski, Esculpir o tempo, Martins Fontes, 1998, p. 39.

Senti que os grilhões que me prendiam estavam soltos enfim e toda alegre eu estava só e nua. Era uma solidão gloriosa e de vitória e era uma nudez de última libertação.

Foi então que pensei em Deus. E aceitei-o, mas como mulher livre. A nudez, porém, não desapareceu, eu não quis mais acumular sobre minha pele-única-vestimenta nenhuma pressão. Meu drama é que sou livre.

Talvez só se possa acreditar completamente no que não pode ver. Dentro de mim há o irreconhecível.

Quero saber o que acontece quando não acontece nada. Qual é o oposto de conhecer? Sei que não é "não-acontecer". Acho que vem o indivisível.

O pai, Pai de Todos, dizia que o ditado "cada um por si e Deus para todos" estava errado. Que era assim: "Cada um por si e Deus para ninguém". Pois havia galáxias infinitamente para esse Deus cuidar.¹³

Ao ler a narrativa textual de Clarice Lispector, "A Hora Da Estrela", entrei em contato com um produto fruto da imaginação daquela que a produziu. Composta por intencionalidades, com posicionamentos políticos e ideológicos, com um olhar para um fato, uma pessoa que mais tarde se transformou em sua protagonista, Macabéa.

No entanto, o que eclode de uma obra de arte não é somente fragmentos do artista. Nós, apreciadores da arte imprimimos nossas marcas em suas obras e as carregamos pelo resto da vida. Essa condição de impressões de vidas nas obras artísticas revela o processo dialético que a arte, como um todo, proporciona.

Além disso, a grande função da arte é a comunicação, uma vez que o entendimento mútuo é uma força a unir as pessoas, e o espírito de comunhão é um dos mais importantes aspectos da criação artística. Ao

¹³ Borelli, Clarice Lispector: esboço para um possível retrato, Nova Fronteira, 1981, p.36,37.

O mesmo acontece com o cinema, pois ao ler uma narrativa filmica “saltamos” para dentro do filme e nos sensibilizamos com os personagens. Vivenciamos cada fração de vida que esse jogo de sombras nos proporciona. Sofremos, amamos, odiamos com as produções em série de impressões que construímos ao ler um filme.

Literatura e cinema são como:

Toda forma de arte, porém, nasce e vive de acordo com suas leis particulares. Quando as pessoas falam sobre as normas específicas ao cinema, fazem-no em geral comparação com a literatura. Na minha opinião, é extremamente importante que a interação entre cinema e literatura seja explorada e exposta o máximo possível, para que as duas atividades possam afinal se separar e nunca mais voltem a serem confundidas. Em quais aspectos a literatura e o cinema são semelhantes e correlatos? O que os une?¹⁶

¹⁶ Tarkovski, *Esculpir o tempo*, Martins Fontes, 1998, p. 40.

BIBLIOGRAFIA

BORELLI, Olga. *“Clarice Lispector: esboço para um possível retrato.”* Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1981.

BETTELHEIN, Bruno. *“O Coração Informado: autonomia na era da massificação”.* Bettelhein; tradução de Celina Cardim Cavalcanti.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

KÉRTESZ, Imre. *“A Língua Exilada”.* Kértész; tradução do húngaro Paulo Schiller.- São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KIAROSTAMI, Abbas. *“Duas ou três coisas que sei de mim. O real, cara e coroa de Youssef Ishagpour”.* Kiarostami ;[tradução Álvaro Machado].- São Paulo: Cosac Naify, 2004

LISPECTOR, Clarice. *“A Hora Da Estrela”.* Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

LISPECTOR, Clarice. *“Correspondências/ Clarice Lispector”;* organização de Tereza Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

NETO, João Cabral de Melo Neto. *“Morte e Vida Severina”.* Rio de Janeiro: Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros, 2008

TARKOVSKI, Andrei Arsensevich. *“Esculpir o tempo.”* Tarkovski; [tradução Jefferson Luiz Camargo].- 2º ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1998.

XAVIER, Ismail. *“A experiência do cinema.”* Rio de Janeiro: Graal, 1991.

FILMOGRAFIA:

A Hora da Estrela, dir. Suzana Amaral, baseado na obra homônima de Clarice Lispector, Brasil, 1985.

ANEXO

Somos fantasmas... Espectros de uma idéia inacabada que perpassa categoricamente a trama que liga os fios de nossos destinos... E nessa dança enigmática de almas nos encontramos e desencontramos constantemente..., plenamente...

E nessa busca constante nos exilamos nas paredes do tempo... Aprisionando memórias, imagens... alegorias místicas de nós... Que pelos caminhos... sussurram... transfiguram-se...

E a cada olhar ritos..., mitos..., segredos confessados no silêncio sombrios de nossa passada existência...



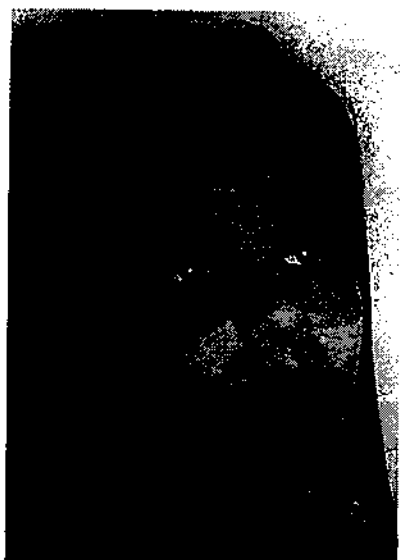


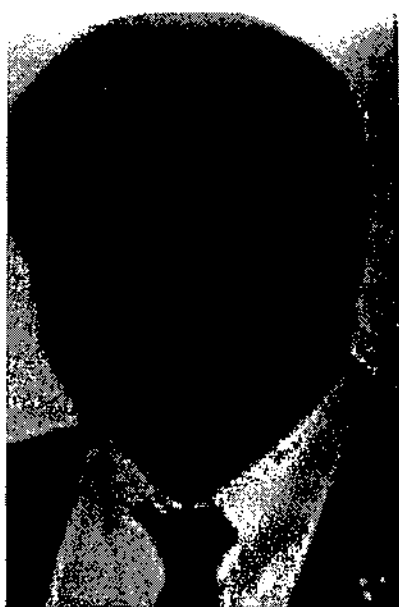






















... Às vezes é preciso parar e contemplar mesmo que de longe. Sentir cada pulsar, cada vibração, cada eclosão de idéias que surgem a todo instante, agonizando, clamando por serem ouvidas, recebidas... E estão por aí, passeando livres mesmo estando presas, assim como as Macabéas. Como nós Macabéas.

Na penumbra possivelmente podemos identificá-las, vagando de um lugar ao outro ou caídas numa encruzilhada ou outra, mortas, incandescentemente mortas...